

PROBLEMAS DE INTERESSE PARA O ALGARVE FORAM ABORDADOS EM CONFERÊNCIA DE IMPRENSA DA COMISSÃO REGIONAL DE EMPREGO

A COMISSÃO Regional de Emprego foi criada por despacho do ministro do Planeamento e Coordenação Económica, em 9 de Maio último, no âmbito do Programa Nacional de Emprego, aprovado por Decreto-Lei n.º 203-C/75 (15.4.75) e dela fazem parte o chefe do Distrito, delegado do MFA, o director do Gabinete do Planeamento da Região do Algarve, representantes das Secretarias de Estado do Trabalho, das Pescas e do Turismo, Coordenação Agrícola

★ **Vão receber importantes melhoramentos os portos de Faro e Portimão, prevendo-se dificuldades para o começo das dragagens no de Vila Real de Santo António**

la Regional, delegado da Direcção Geral do Emprego e ainda os representantes da União dos Sindicatos e da Comissão Interministerial de Animação Sócio-Cultural, composição que reflecte o propósito de na C. R. E. estarem efectiva e activamente repre-

sentados todos os sectores fundamentais de actividade da região na procura das soluções concretas, numa análise global de ordem económica, social e política.

Um mundo de problemas porém se colocou de pronto ao organismo, determinados, quer pela situação criada pela Revolução de Abril no plano interno e externo como pela crise mundial, questões urgentes, a solicitarem soluções urgentes, a que mais um obstáculo foi posto, ou seja a superação «da clássica administração pública burocratizada e concentrada no Código Administrativo de Marcelo Caetano». Sobre o assunto e no decurso de conferência de Imprensa há pouco realizada no Governo Civil do Distrito, seria afirmado: «A Revolução de 25 de Abril criou um certo vazio no sistema administrativo, na medida em que as novas condições político-sociais tornaram inadequada toda a legislação dominada pela ideia centralizadora, sem que, en-

tretanto, ainda tenha sido definido um regime jurídico-administrativo que possa servir de alternativa no desempenho eficiente das funções próprias da administração pública».

Surgiu também como uma das missões da C. R. E. a necessidade de coordenação e articulação dos vários sectores de actividade da Província, com vista a adopção de soluções globais dos problemas da população interdependentes desses variados sectores.

Finalmente a actividade
(Conclui na 4.ª página)



A primeira fase das obras da barra do Guadiana, há meses concluída, não poderá ter racional aproveitamento enquanto no novo canal não forem feitas as prometidas dragagens. Na gravura: uma imagem do porto de Vila Real de Santo António (um dos melhores portos naturais do País), extremamente prejudicado — e com ele a economia nacional — por não terem sido ainda feitas as dragagens na barra.

OS LOBOS ARREGANHAM A DENTUÇA...

QUANDO se deu o 25 de Abril, os lobos meteram-se, por precaução, nas tocas. Encolheram e esconderam dentes e garras. Temiam represálias da parte de suas vítimas (as vivas, que as outras nenhum mal podiam fazer, a não ser à memória e ao arrependimento...). E como não sabiam ao certo que caminhos teriam de (per)correr, baldaram-se a escusadas confrontações. Que, nesse preciso momento, muito desfavorável lhes seriam, pela certa. Alguns, mais marcados por caças injustas e mesmo sanguinolentas, preferiram desaparecer da circulação. Por causa das dúvidas... Abandonaram o terreno da caçada, na mira de melhor tempo. Outros, que tinham sido menos salientes como pólos de violência e de perseguições, optaram pela caseira expectativa, num eclipse voluntário e de circunstância. Mas a matula mais responsável, pela longa «caça às bruxas», refugiou-se nas meias tintas do desconhecido. Seus membros mais atentos e alertados ao que se ia desenrolando, davam-se às mãos nos sobressaltos, nas angústias, nos medos ditados pela negra consciência. Sabiam ter partilhado largamente no conjunto das terríveis circunstâncias de quase meio século, que tinham atirado Portugal e o seu povo para as funduras de um abis-

por A. Vicente Campinas

mo, de um atraso moral e material, de que dificilmente poderá sair. Por isso, temiam represálias, a justiça dos torturados e ofendidos.

Os dias foram passando, sem que
(Conclui na 3.ª página)

JORNAL do ALGARVE

A REVISTA «Rodoviária», que se publica em Lisboa, transcreveu o Tema em Debate do nosso prezado colaborador M. B., que há semanas inserimos sob o título «Turismo: via socialista».

PRETENDE-SE UMA PREVIDÊNCIA COM EFICIENTES CONDIÇÕES

por A. Onofre

FALAR no 25 de Abril nunca foi de mais; mas para isso é necessário atendermos ao seu verdadeiro sentido e não olvidarmos que tanto governantes como governados terão de cumprir com os seus deveres, se em retribuição exigirem os seus direitos, como uma das consequências desta Revolução a que nunca poderá faltar um ponto num «».

Tudo o povo português está consciente que tem de se esforçar por desempenhar trabalho sólido e em solidariedade comum, mas a formiga, se tanto labuta ao armazenar a sua alimentação para a quadra do Inverno, sabe que posterior-

ASSUME HOJE FUNÇÕES DO NOVO GOVERNADOR CIVIL DO DISTRITO

EMPOSSADO na tarde de quarta-feira nas funções de governador civil do Distrito, assume hoje às 11 horas, o seu cargo, em cerimónia pública, o dr. Júlio Filipe de Almeida Carrapato. O acto verificar-se-á no edifício do Governo Civil, em Faro.

O dr. Almeida Carrapato é natural da freguesia de São Pedro, concelho de Faro e conta 56 anos. Na capital algarvia fez a instrução primária e o curso liceal, após o que frequentou a Faculdade de Direito de Lisboa, de 1938 a 1943, ano em que se licenciou.

Democrata e anti-fascista activo, desde a juventude, actuou no Movimento de Unidade Democrática (MUD), tendo pertencido à Comissão Distrital de Faro, como já havia actuado na Federação das Juventudes Anti-fascistas. Teve intervenção activa nas campanhas das candidaturas do general Norton de

Matos, prof. Rui Luís Gomes e general Humberto Delgado, representando a Comissão Distrital de Faro do MUD na assembleia democrática do Teatro Taborada, em Lisboa, em que foi apresentado o comunicado de que foi relator Lima Al-

(Conclui na 3.ª página)

TEMAS EM DEBATE OU TURISMO OU REVOLUÇÃO

Uma viagem à Madeira transportou-nos para uma região turística que, apesar de certa crise, se mantém florescente. Simultaneamente, liamos nos jornais do Continente que se agudizava a crise no Algarve e que as agências de viagem continuavam a cancelar as suas reservas.

Não será estranho o facto de o primeiro-ministro sueco ter feito um apelo aos seus cidadãos para desviar o turismo de Espanha para o Funchal. Efectivamente, quem chega hoje à Madeira e olha em redor não dá ainda pelo 25 de Abril. Houve Revolução, houve eleições, mas apenas isso serviu para oficializar os Partidos e demarcar melhor as instituições locais. Por isso a grande maioria que obteve o Partido Popular Democrático, o qual agrupa no seu seio as camadas mais à direita, os caciques locais, o Episcopado, etc. A presença do Partido Socialista e do Partido Comunista quase passam despercebidas; há sim uma presença minoritária de U. P. M. (União do Povo da Madeira) ligada à FEC (ML) que reúne a extrema esquerda e a massa trabalhadora e que hoje começa a levantar problemas de ordem social.

Mas, por enquanto, o turismo madeirense nada sofreu e mesmo a crise do desemprego ainda não se tornou problema grave, tanto assim que a construção civil continua florescente. Será que este panorama vai continuar? Continuarão os potenciais locais a manter nas suas mãos o destino da riqueza turística da ilha? Até quando se conservará este vazio em relação ao Continente?

Parece-me que já há prenúncios de mudança e por isso é que surgem os movimentos separatistas como a Flama e o JDM que preferem tudo menos largar os seus interesses. Até alianças com a América e outras potências estrangeiras. Mas então será efectivamente a população da Madeira que terá uma palavra a dizer e o turismo será ameaçado. Não se pode salvar tudo...

M. B.

REMOVIDO O GOVERNADOR CIVIL QUE O P. S. E AS DIREITAS CONTESTAVAM

Em portaria do Ministério da Administração Interna, foram demitidos os governadores civis de Faro, Lisboa, Braga e Castelo Branco, todos eles indivíduos inseridos numa linha de actuação progressista ou, como dizia um vespertino da capital; «homens que foram escolhidos pelos seus reconhecidos méritos como cidadãos e de inequívoco passado de anti-fascistas». Para o cargo de chefe do nosso Distrito, o ministro designou o dr. Júlio Carrapato, que alguns órgãos da informação descrevem como afecto às forças que moveram a campanha contra o dr. Ramires Fernandes.

Esta atitude do Governo, precedida pela referida campanha e tomada na ignorância do movimento popular de solidariedade com o dr. Ramires Fernandes, parece-nos enquadrar-se no espírito dos saneamentos à esquerda que têm avassalado o País.

Será um Governo à procura da sua coerência, que luta por abater os focos de eventual discordância no seu seio?

Será a exclusão pura e simples de uma linha revolucionária fortemente combatida pelos P. S., P. P. D. e C. D. S.?

Uma coisa é, certamente: uma acha na fogueira de descontentamento que ameaça abrasar o VI Governo.

NOTA da redacção

O POVO algarvio necessita de pensar no futuro já não em termos do turismo fácil que se fez antes do 25 de Abril. Esse morreu, se não definitivamente, pelo menos durante um período longo no qual se vai processar a transição para o Socialismo. Depois é natural que o nosso turismo ressurgira noutros moldes completamente diferentes e que prossiga florescente.

Até lá, porém, há que repensar todas as outras possibilidades da Província, explorar as suas riquezas e planear uma outra maneira de viver, pois efectivamente vivia-se por vezes quase exclusivamente encostado ao turismo.

Compete aos responsáveis lançar agora mão de todos os outros recursos naturais e colocá-los ao serviço efectivo da população. Fazer uma racional exploração agrícola, renovar as indústrias locais da pesca e das conservas e criar outras que possam dar trabalho aos desempregados que saem da indústria turística e a todos os outros que surgem das antigas províncias ultramarinas.

Há que prever e planear racionalmente para não transformar a quebra do turismo numa tragédia irreparável. O Algarve deve pro-

SUBSTITUIR AS ESTRUTURAS

curar hoje horizontes diferentes, a fim de que a sua população possa, não só subsistir, mas deixar de ser explorada pelos estrangeiros e pelos capitalistas nacionais. Mas também deve ser auxiliada pelo Governo a fim de melhor encontrar as vias que lhe interessam para o futuro.

COBRANÇA DE ASSINATURAS

Conforme noticiámos no nosso penúltimo número, a nossa Administração emitiu e mandou à cobrança pelos CTT os recibos correspondentes à regularização das assinaturas respeitantes ao segundo semestre do corrente ano.

Aos recibos que não tinham sido cobrados na nossa última emissão, aumentámos o valor do corrente semestre a fim de que todas as assinaturas fossem regularizadas até aos fins do próximo mês de Dezembro.

Porque as devoluções nos causam grandes transtornos, ao mesmo tempo que nos acarretam pesados encargos, pedimos encarecidamente a todos os nossos assinantes que liquidem prontamente os recibos que lhes forem apresentados, colaborando com a nossa Administração, dessa maneira que se nos afigura eficaz, na luta pela manutenção do JORNAL DO ALGARVE.

À saúde é a maior riqueza

FALTA DE ÁGUA NO ORGANISMO

A água é absolutamente indispensável ao organismo. A sede, sinal de que o organismo sente falta desse líquido, deve ser saciada, exactamente como acontece com o sono e a fome.

Beba água sempre que tiver sede. Evitará, assim, as consequências desagradáveis da sua falta no organismo.

Cooperativa de Produtores de Cortiça no Algarve

TENDO em vista a constituição de uma cooperativa de produtores de cortiça, realiza-se amanhã no Barranco do Velho, uma reunião de pequenos e médios proprietários.

A CRÓNICA DOS DIAS

por Sequeira Afonso

OS DISCORDANTES

Quando a manifestação desembocou no fim da rua, já eles lá estavam a conversar. Perante os inúmeros cartazes («baixo o capitalismo», «viva a classe operária...»), as sonantes palavras de ordem («fora a NATO», «independência nacional»...), o mais velho, mãos atrás das costas, ar carrancudo, disse para o companheiro: «Não posso concordar com isto! Já a gente não pode andar por aí descansados. O que eles são é malandros, não querem é trabalhar». «Pois claro» — confirmou o mais novo, tipo alto, constantemente a coçar o cocuruto. Entretanto, ao lado deles, os manifestantes passavam de braço dado...

Era a hora de saída dos empregos, e muito povo continuava a engrossar a coluna de manifestantes. Eu combinara encontrar-me ali com um amigo, que me havia prometido emprestar um livro, e aguardava a sua chegada. Neste interim, aproveitava a ocasião: observava o entusiasmo dos manifestantes e ouvia as observações dos dois conversadores. Como o meu amigo, habitualmente pontual, tardasse a chegar, dirigi-me ao seu local de trabalho, para saber se havia novidade. Lá me disseram que ele acabara de sair. Houvera, portanto, um desencontro.

Estugnei então o passo em direcção à esquina da rua onde antes estivera. Já lá estava o meu amigo. E sabem quem mais? Os dois conversadores. Passara-se, entretanto, uma hora desde que a manifestação por ali passara. Mas o mais velho continuava a lamuriar: «Cá por mim não concordo com isto. É só manifestações, gritos, conversa fiada. É só malandragem. Eles não querem é trabalhar». «Pois claro» — repetia o outro, coçando a nuca.

Despedi-me do meu amigo. Porém eles lá ficaram à esquina, fazendo gestos, gastando palavras. E sempre a discordar: «Isto está cada vez pior. Ninguém quer fazer nada. E ainda falam num país novo... Bah!».

Problemas de ensino no sítio da Altura (Castro Marim)

Da Comissão de Moradores da Altura (Castro Marim), recebemos o seguinte comunicado:

Desde Maio passado que o povo de Altura, por intermédio da sua Comissão de Moradores, tentou pôr cobro a uma situação que há longos meses se vinha arrastando. Para o efeito diligenciou junto das entidades competentes ligadas ao ensino, propondo que se levasse a efeito um inquérito à actuação nas aulas, por parte da sra. professora primária Catarina da Rosa Valente Afonso.

A referida senhora vinha acusando indícios de perturbações mentais que, com o decorrer do tempo, mais se vinham agravando, perturbando assim a formação intelectual e psíquica dos seus alunos.

Feito o referido inquérito, foram ouvidos os pais dos alunos, que se exprimiram contrariamente à permanência da sra. professora na escola do Barrocal nesta, localidade; foi ainda provado pessoalmente pelo sr. inspector do distrito escolar de Faro, que conduziu o inquérito, e ainda pelo delegado escolar da zona que a dita senhora professora não estava em condições de exercer cabalmente a sua profissão. Assim, o inquérito seguiu a via normal para estes casos, sem que os habitantes desta localidade fossem mais informados sobre as conclusões a que se havia chegado.

Chegado o mês de Setembro e com a proximidade do novo ano escolar, os pais dos alunos dirigiram-se à Comissão de Moradores para saberem em que situação se encontrava o problema da professora, pelo que em reunião levada a efeito

to com os mesmos ficou deliberado boicotar a entrada na escola da senhora professora.

Informado da decisão tomada o director geral do Ensino Básico, apareceu o sr. inspector com um relatório do exame médico feito por psiquiatras e no qual se afirmava estar a senhora professora em condições de exercer a sua profissão, e apontava também a má vontade da população em relação à sua permanência na escola, a qual o povo terá de respeitar somente por não sermos psiquiatras. Contudo pomos as nossas dúvidas e discordamos plenamente do relatório, porquanto é do conhecimento geral que a senhora professora não se encontra no pleno uso das suas faculdades mentais.

Iniciadas as aulas, os alunos não têm comparecido às mesmas; no entanto a professora comparece diariamente na escola, facto que é do conhecimento não só do delegado escolar da zona, mas também do inspector do Distrito Escolar de Faro, mantendo-se contudo o impasse, sem que as referidas entidades se mostrem interessadas em resolver a situação, cujas principais vítimas são os alunos e não a senhora professora, como se pretende fazer crer, porquanto as restantes professoras não quiseram receber nas suas aulas, ainda que temporariamente, os alunos da senhora professora Catarina.

A população de Altura lamenta as condições em que se encontra a senhora professora, mas não aceita que alguém, na sombra, por detrás deste processo, tente por todos os meios sabotar o trabalho, e manter à frente duma escola pri-

JORNAL DO ALGARVE

N.º 970 — 25-10-975

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE VILA REAL DE SANTO ANTONIO

Anúncio

2.ª PUBLICAÇÃO

Faz-se saber que no dia 5 do próximo mês de Dezembro, pelas 15 horas, no Tribunal Judicial desta comarca, na execução para pagamento de quantia certa que corre pela Secretaria do mesmo tribunal, que ANTONIO DA PALMA CESARIO, solteiro, pastor, residente em Pero Dias — Martinlongo, move contra o executado ANTONIO JOSÉ GONÇALVES, solteiro, trabalhador rural, residente no Monte Pero Dias — Martinlongo — Alcoutim, será posto em praça pela primeira vez, para ser arrematado ao maior lance oferecido acima do valor adiante indicado, o direito a 1/4 que o executado ANTONIO JOSÉ GONÇALVES, acima identificado, tem às heranças ilíquidas e indivisas abertas por óbito de seus pais José Gonçalves e Custódia Cardeira, que foram residentes em Pero Dias, freguesia de Martinlongo, desta comarca, vai à praça por 20 000\$00.

Vila Real de Santo António, 13 de Outubro de 1975

VERIFIQUEI:

O Juiz de Direito,

a) Francisco Curto Fidalgo

O Escriurário,

a) José Manuel Leitão Guerreiro

mária uma pessoa afectada por tão grave doença.

As entidades envolvidas neste assunto, que pretendem levar ao descalabro parte da futura geração desta terra, o povo de Altura diz não repudia energicamente as suas falsas atitudes na condução do processo e pede o seu imediato saneamento, a fim de que o ensino neste País possa seguir em linha recta numa perspectiva revolucionária para o Socialismo que se pretende construir e pelo qual lutaremos até ao fim.

Abaixo os falsos condutores do ensino. Ensino ao serviço do povo. Em frente por escolas ao serviço dos explorados.

Assume hoje funções O novo governador civil do Distrito

(Conclusão da 1.ª página)

ves. Pertenceu ao Movimento Democrático Português, a que presidiu o prof. Rui Luís Gomes e foi um dos criadores e principal animador de uma Biblioteca Popular em Lisboa, denominada «Vida e Cultura», colaborou em jornais e revistas de literatura e crítica de vanguarda, como «O Diabo», «O Pensamento», «Sol Nascente» e «República». Publicou um ensaio social e político intitulado «Aurora e Crepúsculo de uma Idade», integrado na Coleção «Cadernos Azuis» dirigida pelo publicista Manuel de Azevedo, e um estudo jurídico sobre expropriações.

Tem exercido a advocacia, sendo membro do Conselho Distrital de Évora da Ordem dos Advogados. Presidiu, desde 13 de Maio de 1974, à Comissão Administrativa da Câmara Municipal de Faro, primeira comissão democrática nomeada depois do 25 de Abril.

Telegramas das Comissões Administrativas dos Municípios de Silves e Olhão

Da Comissão Administrativa da Câmara Municipal de Silves, recebemos, com o pedido de publicação, o texto do seguinte telegrama enviado ao Governo Civil do Distrito, Primeiro Ministro e Ministério da Administração Interna:

«Comissão Administrativa Câmara Municipal Silves desde primeira hora com revolução 25 Abril 1974 não pode continuar colaboração com um Governo que toma medidas consideradas contra-revolucionárias como é o caso exoneração Governador Civil Faro e outros distritos. Assim apresenta demissão colectiva aprovada unanimidade com efeitos imediatos.»

Por sua vez, a Comissão Administrativa do Município de Olhão dirigiu-nos o telegrama seguinte:

«A Comissão Administrativa da Câmara Municipal de Olhão reunida em sessão ordinária de 20-10-75 deliberou por unanimidade expressar um voto de confiança na actuação do sr. Governador Civil na direcção dos destinos do Algarve — Feliciano Nunes Soares.»

Manifestação de protesto em Faro

O Secretariado Distrital da F. U. R., promove amanhã, em Faro, uma manifestação unitária e apartidária de protesto pela exoneração do dr. Ramires Fernandes das funções de governador civil, considerando o decidido apoio que sempre prestou às organizações de poder popular. A concentração dos manifestantes far-se-á às 17 horas, no Largo do Carmo.

Os lobos arreganham a dentuça...

(Conclusão da 1.ª página)

aos justificados temores correspondessem os necessários castigos. Afinal, era bem uma tempestade num copo de água! Era bem o espírito dos cravos floridos que orientava os homens que tinham deitado abaixo a mais velha e negra ditadura fascista do mundo! Homens corajosos, dotados das melhores intenções, apenas falhos na compreensão da urgente necessidade de justiça que era preciso fazer.

Assim, os lobos respiraram fundo! Nada se passava de grave. Nada se passava de grave, no seu meio de responsáveis por tantas delações, tantas torturas, tantas violências, tantos crimes que lhes estavam debitados. Tudo parecia indicar que não lhes seria exigida a prestação de contas a quem tanto deviam! O sobressalto inicial de responsabilidade vivificada, na lembrança dos tempos de impunidade, acossado pelo medo de que lhes fossem exigidas contas, amorteceu-se com a normalidade dos factos. Também com a patente calma e impunidade que por todo o lado se verificava. E a noção de culpa começou a ser diluída com os dias sem justiça, com as semanas escuras e sem tempo de acomodação, sem ondas bravas das multidões contentes, quicá esquecidas dos escondidos lobos. Estes sacudiram a poeira dos dias de isolamento. Sentiam apetite de experimentar as suas forças corroídas pela inactividade forçada. E lamberam as patas. E ensaiaram a dentuça, quando veio o tremor de terra apelidado Palma Carlos. Este tinha a carta branca do chefe dessa legião reaccionária, que era Spínola. De tal maneira os lobos viam nisso a porta aberta para a sua reentrada na selva, que batiam palmas de contentes, limando garras e dentes, na perspectiva do ataque, prontos a avançar.

Mas o bom senso dos homens, militares e civis, que compunham o Conselho de Estado, cortou cerce as manobras reaccionárias de Spínola e do seu mandatário-mor Palma Carlos.

A seguir, foi o 28 de Setembro, com os apelos do então chefe do Estado às «maiorias silenciosas», que mais não eram que «minorias sediciosas». E terríveis, nas suas perspectivas de paz, como a que pesou no «cemitério de paz» deste país à beira mar plantado, durante cerca de cinquenta anos de dominação ditatorial e fascista. Spínola ainda teve, na sua mão, durante as longas e dramáticas horas nocturnas, como reféns, no Palácio de Belém, dois dos principais chefes do 25 de Abril, os generais Vasco Gonçalves e Otelo Saraiva de Carvalho. Só quando se convenceu que o Exército não estava com ele é que Spínola cedeu, francamente vencido. Evidentemente que as massas populares, civis e fardadas, que tinham entrado na luta, contribuíram decisivamente para esse recuo do general fascista. Que, em face do repúdio geral da nação, teve de resignar do cargo de presidente da República.

Mais tarde, deu-se o 11 de Março. Nele, como cabecilha da intenção fascista, o ex-general Spínola, que hoje se diz dum pretensio Movimento Democrático. O sujeito perdia a cabeça (na sua ambição de mando e de classe) que teve de ir, com seu ambicioso dono, para as Espanhas e os Brasis... Outros reaccionários o acompanharam, depois de terem partilhado na tentativa criminosa de arrancar o poder pela força. E isto com ataques aéreos a instalações militares, de que por milagre apenas resultou a morte do soldado João Luís.

Para dar cumprimento à sua palavra, o M. F. A. consentiu no seu maior erro político de sempre, as eleições num país imaturo para actos de tamanha necessidade de consciencialização política. Não vamos aqui exemplificar casos, inúmeros, que verificámos e que ilustram bem o que dizemos. Todos os que não são cegos (e os piores cegos são aqueles que não querem ver) também sabem disso, também o constatarão. Apenas os interesses de partido é que poderão vio-

lentar a verdade e a razão do que afirmamos. Durante o período da campanha eleitoral, a reacção soube infiltrar-se de tal maneira na peleja, que nem poupo esquerdistas, centristas, direitistas. Soube «dividir, para reinar». Daí para cá, com «slogans» de «maioria» e «vontade do povo», todo um trabalho de divisionismo tem sido feito. Nos civis, como nos militares, Governos foram destruídos, por falta de respeito e de cumprimento do Pacto estabelecido entre os Partidos e o M. F. A., chegando-se ao extremo de tentar-se a desagregação deste importante, deste fundamental elemento (que é necessário preservar e reforçar) da Revolução Portuguesa.

Vieram os assaltos, os incêndios, os crimes praticados pelos mercenários ao serviço da reacção, no norte e no centro do País, contra sedes e bens particulares de partidos e de militantes progressistas. Impunemente. O país, o povo português encheu-se de assombro pelo volume da violência e pela nulidade dos elementos que pudessem impedi-la ou, até, minimizá-la. Esperava uma solução para impedir esses crimes. Em vão. A reacção tinha mãos livres, pernas leves, asas ligeiras, para manobrar à vontade. E impunemente.

Consumadas as largas brechas na muralha de aço dos verdadeiramente revolucionários, fardados e civis, o povo assiste a novos ataques dos bandoleiros. Ataques criminosos como os outros, mas diferentes. Incendeia-se as florestas e as matas nacionais. Queima-se impunemente riquezas do País, que a todos pertence, sacrificando bombeiros e populações a trabalhos exaustivos.

Os lobos tinham, finalmente, saído das tocas, famintos de destruição. E arreganharam a dentuça, semeando o pânico, a dor e o crime por onde quer que atacavam. A descrença ataca muita gente. Mas o povo começa a reagir. E a organizar-se, para fazer face às arremetidas criminosas e iminentes...

Noutras regiões, como as do sul, também os lobos começam a regressar aos vales e às planícies. Abandonam as suas tocas, os esconditinhos clandestinos. A «meteorologia» nacional parece anunciar-lhes bom tempo... E arrancam a máscara do receio. E ensalam tentativas de aventuras. Mostram a verdadeira face de lobos temerosos. Só que, por conveniência ainda circunstancial, limam a dentuça, afiam as garras, esperando pacientemente a oportunidade. A festa, para eles, está no programa. Talvez prestes a começar. Se... Se o povo fardado e o povo à paisana não lhes quebrarem, a tempo, os seus criminosos dentes.

Creemos que ainda é tempo. Parece-nos que se dispõe, ainda, de tempo para que o bom-senso, político e social, triunfe, nestas preocupantes circunstâncias que atravessamos. Para isso, torna-se necessário e urgente, que se tomem nas mãos dos políticos as rédeas da união. De uma compreensiva e indispensável união de todas as forças anti-fascistas. União de TODAS as forças que têm lutado contra a reacção e o fascismo. União de TODAS as forças que sabem e sentem que o capitalismo, a exploração do homem pelo homem, não tem mais razão de existir, na terra portuguesa. União de TODAS as forças verdadeiramente apostadas em avançar com a Revolução no caminho de uma sociedade socialista. O tempo urge. A necessidade de tocar a unir as forças verdadeiramente anti-fascistas, também. Hoje, ainda estamos a tempo de formarmos uma unidade, necessária e urgente, para podermos vencer os lobos reaccionários. Os lobos reaccionários, que se preparam, afiando garras e dentes. Porque, amanhã, amigos... Amanhã, poderá ser demasiado tarde. Unidos, venceremos!

9/10/75

A. Vicente Campinas

Hotel Balaia Penta

ALBUFEIRA

Precisa secretária de Direcção falando e escrevendo inglês, com muita prática de estenografia. Contactar o director René Moussault.

Guarda-se sigilo.

JOÃO MAXIMIANO LUÍS F. MADEIRA

advogados

r. conselheiro bivar, 10-1.º tel. 24036 — F A R O

Motorista

para distribuição de quaisquer produtos ou outros serviços. Tem experiência de vendas.

Oferece-se.

Respostas a este jornal ao n.º 832/75.

Vende-se

Traineira «Praia dos Três Irmãos» com rapa ou sem rapa e Enviada «Rio Marim», sem motor. Trata Reinaldo Gradé Rosa, Rua D. Carlos I (frente ao estaleiro) — Portimão — Telefone 24621.

Salvador Caetano-Comércio Automóveis (Algarve), S.A.R.L.

COMUNICADO

Os trabalhadores da Firma Salvador Caetano-Comércio Automóveis (Algarve), S.A.R.L. face a boatos postos a circular visando prejudicar com nítida má fé a pessoa do seu administrador Luís Ferrer, cuja idoneidade e rectidão foram postas em causa, vêm com o propósito de salvaguardar o seu bom nome atingido injustamente e com ele os superiores interesses da empresa, reafirmar a sua total confiança na orientação dos destinos da firma, manifestando publicamente o seu categórico desmentido a tais boatos.

Segue Reconhecimento

A Comissão de Trabalhadores

Problemas de interesse para o Algarve foram abordados em conferência de Imprensa da Comissão Regional de Emprego

(Conclusão da 1.ª página)

deste órgão, na sua gama de actuações e sectores envolventes, tem-se revelado como uma experiência do modo como poderá vir a actuar a administração regionalizada e um contributo válido para o funcionamento dos órgãos previstos no diploma que irá institucionalizar a regionalização do Algarve.

Aguarda-se a todo o instante, como se tem vindo a aguardar desde o III Governo, a promulgação do diploma legal que concretize essa regionalização, assunto aliás tratado há pouco em Lisboa com os secretários de Estado da Administração Local e Regional e do Planeamento Económico e Orçamento.

Toda a problemática algarvia, cuja situação económica se encontra em permanente degradação, foi objecto de múltiplas intervenções, em que se procurou dar uma imagem correcta do actual momento e dos esforços empreendidos.

PASSOS EM FRENTE NA REFORMA AGRÁRIA

Diferentes são os problemas no sector agrícola da zona algarvia das das vizinhas regiões alentejanas. Problemática também diferente existe nas próprias zonas da Província (litoral, barrocal e serra), mas conhecendo aqui também a sua própria evolução, a sua reforma não traduzida por ocupações desordenadas, mas visando a melhoria da produção e o aproveitamento mais conveniente. No que se refere à zona serrana, a questão da florestação continua na ordem do dia. As campanhas de trigo delixaram as suas marcas, com os inconvenientes conhecidos, tornando sobretudo ainda mais escalvada a serra algarvia. Este é um plano com uma tal grandiosidade de recursos económicos e humanos que ultrapassa as possibilidades conferidas. Foi também referido que os agricultores algarvios são tradicionalmente avessos (e nós diremos, em grande número incapazes economicamente), para investimentos a longo prazo. Contudo o florestamento impõe-se e tem que ser planificado para se tornar um facto, dada a sua necessidade. A disposição dos interessados têm os serviços os viveiros florestais e a ajuda técnica.

A rega é o grande óbice para uma maior cultura na serra e daqui que a solução «barragens de terra», sem grandes alardes técnicos ou dispendios financeiros, fosse um caminho a seguir. Aproveitar-se-iam assim os cursos de água, tantas vezes temporários e a retenção da água das chuvas, com formação de massas à superfície e ainda subterrâneas, pela penetração no cascalho. E novas e necessárias zonas verdes surgiriam na escalvada serra do Algarve.

Foi proposta, após estudo prévio, a construção de vinte pequenas barragens, mas até agora não foi obtida qualquer resposta para passar-se da fase de estudo à de realização imediata.

Também a questão do preço da cortiça afecta bastante a região, já que o decréscimo verificado influi na subsistência de muitos pequenos e médios agricultores.

Ainda no âmbito da reforma, têm os serviços procurado a melhoria das condições de vida das populações rurais, através de uma auscultação directa nas campanhas de dinamização, do estímulo ao associativismo cooperativista e de uma ampla elucidação sobre a Lei do Arrendamento Rural. No que se refere a ocupações, elas aconteceram e estão legalizadas nas Quintas da Madalena e Boavista e das Alagoas, estando outras em vias de concretização, como é o caso de uma propriedade do Grupo BIP/Jorge de Brito. Há ainda o estudo do arrendamento a um grupo de 25 trabalhadores agrícolas do Morgado das Lameiras. Neste sector e tendo em vista o aumento das zonas de regadio, ultimam-se os estudos referentes às barragens do Funcho, Odeleite e Odeleita.

No âmbito do sector da pecuária, refira-se os esforços da Comissão Regional de Emprego e dos organismos competentes para a criação de dois talhos municipais, ainda não concretizados, em Lagos e em Olhão, devido à falta de pessoal competente, bem como os esforços desenvolvidos tendo em vista a constituição de duas bolsas de gado que, eliminando as compras especulativas, dêem francas possibilidades ao pequeno e médio produtor, o que se prevê possível com a criação do Centro de Reforma Agrária. Obteve-se a autorização para a contratação de magarefes para o matadouro de

Portimão, tendo em vista solucionar problemas existentes.

Há pois que avançar decididamente na criação dos talhos municipais e mesmo de um matadouro industrial, bem como no lançamento das bolsas de gado, havendo, por outro lado, que fazer o aproveitamento de algumas propriedades cujas características e número de unidades animais poderão vir a constituir centros de criação de gado com importância regional.

Para além do centro de abate de aves, é de referir o Centro de Tratamento de Leite de Faro, cuja construção se pensa iniciar brevemente, após a concessão de subsídios estatais, através do I. R. A. e após esforços desenvolvidos nesse sentido pelo coordenador agrícola, considerando-se esse mesmo centro de tratamento de leite de importância regional visto que, para além de se fazer um aproveitamento cabal da produção de leite, permitirá dar uma contribuição significativa para a solução do problema de abastecimento de leite à região.

Por último, note-se que todo o esforço a ser desenvolvido no âmbito da agro-pecuária e das pescas terá que ter o apoio de uma estrutura de crédito bancário, a qual já está em estudo para a região, prevendo-se a constituição do Secretariado Regional da Banca.

POLÍTICA PORTUÁRIA, PONTO FULCRAL PARA A VIDA DA PROVÍNCIA

Região voltada para o mar, as deficiências portuárias do Algarve têm constituído, ao longo de décadas, um dos grandes problemas da Província. Quer no que se refere

a portos de pesca, como para navios, tem-se conhecido um emaranhado de situações, com os mais graves prejuízos. Daqui que este sector venha merecendo o melhor interesse da Comissão Regional de Emprego, com sucessivas insistências junto dos órgãos centrais.

Em Faro, anuncia-se para breve o lançamento da construção de um cais comercial para navios petrolíferos e butaneiros, o que irá permitir o descongestionamento do cais comercial, prevendo-se que as obras orçam dos 12 aos 15 mil contos. Projecta-se um novo porto para a zona barlaventina (Arrifana ou Baleeira), que se encontra em fase de estudo e cujo investimento deve rondar os 80 mil contos.

Maior volume é concedido ao porto de Portimão, cuja primeira fase a ser lançada, se cifrará nos 180 000 contos e que em meados de 1976 utilizará 120 postos de trabalho.

Quanto a Olhão e Vila Real de Santo António, prevê-se que em 1976 os anteprojectos fiquem concluídos em termos de se iniciar as obras ainda no próximo ano. No que se refere à barra do Guadiana, lê-se no relatório apresentado à última reunião inter-Câmaras: «O assunto está em estudo, apresentando no entanto inúmeras dificuldades resultantes não só da ausência de verbas mas muito principalmente na dificuldade de conseguir fazer as dragagens, posto que todo o equipamento técnico está a trabalhar em pleno e já com um programa que não permite a deslocação de uma draga para a zona. Em todo o caso, o assunto não deve ser abandonado, procurando-se fazer esforços tendo em vista solucionar o problema que há bastante tempo fora posto por pesca-

Morte súbita de um marítimo em Sagres

Quando no seu pequeno barco se preparava para a faina da pesca, ao largo de Sagres, foi vitimado por um ataque cardíaco o sr. José Francisco Inácio, conhecido pelo «Zé da Avó», residente naquela povoação.

Encontrou-o o sr. João Marreiros, que ali também se aprestava para a faina e rebocou para Sagres o infeliz marítimo.

Pastagem

Para 250 ovelhas, compra-se. Resposta a este jornal ao n.º 840/75.

dores e armadores do porto de Vila Real de Santo António.»

Todas estas obras portuárias assinaladas (referimos ainda que a barra da Fuseta, de difícil consolidação, implicaria uma verba de 200 mil contos) são objecto de estudos por parte da Direcção Geral dos Portos, prevendo-se para breve uma reunião conjunta daquela entidade e da Junta dos Portos do Algarve com a Comissão Regional de Emprego, tendo em vista a procura de uma solução para o início dos trabalhos do porto de Vila Real de Santo António, previsto para 1976.

Quanto à barra da Fuseta, melhoramento que tem sido constantemente focado na Imprensa e que constitui a aspiração primeira das gentes daquela terra, disse-se que as entidades competentes procuram a mais conveniente solução, considerando por um lado o alto custo da obra a realizar e por outro o perigo de influência fatal para a faixa costeira arenosa.

(Continua no próximo número)

É CONSULTOR PAISAGÍSTICO?

VILAMOURA

OFERECE-LHE UMA OPORTUNIDADE

CONTACTE-NOS

LUSOTUR, S. A. R. L.

RUA TOMÁS RIBEIRO, 50-2.º
LISBOA-1

Pretende-se uma Previdência com eficientes condições

(Conclusão da 1.ª página)

o bicho não pode fazer), uma forma de vida revestida dos mais diversos aspectos, que se traduzem num bem-estar político, económico e social.

Desde o 25 de Abril, já se alcançou um pouco apenas desses direitos inerentes a uma vida sã e qualificada, nomeadamente o abono de

família para os trabalhadores rurais, a actualização do salário mínimo nacional, etc. Mas isto não chega e é preciso avançar no campo da Previdência, para que este povo sinta uma vontade mais férrea de pôr mãos ao trabalho da reconstrução nacional.

Sou partidário, mas verifico que muitas das minhas ideias se coadunam com as de alguns partidos. Defendo a igualdade em todos os prisms, se esta for realizável, mas não basta lutar por este meio. É necessário que estas teses se concretizem em acções e obras, das quais o povo português possa beneficiar. O «escrever» é uma forma de labutar e bem haja quem o faz para que, por intermédio dos órgãos de informação, o povo se politize. Sou contra a censura que impede e implica numa redução da liberdade.

Sou um jovem e já atravesssei inúmeros dos sacrifícios que a vida contém. Imigrei para alguns países que afirmam terem adaptado o socialismo como via única e no que respeita à Previdência tenho notado que os sistemas que neles imperam se coadunam com os direitos do povo. E é isso que venho aqui colocar em causa. Não me dirijo exclusivamente ao VI Governo Provisório, mas sim ao povo português, pois aquele também está incluído neste.

Lutemos por uma Previdência perfeita: consultas, próteses, medicamentos, aparelhos ortopédicos, etc., devem ser gratuitos. É meu propósito referir-me especificamente às operações cirúrgicas, em que a Ordem dos Médicos explora incontestavelmente os seus irmãos (povo português). Não deixemos que esta situação alastre cada vez mais. Não se admite que numa operação com a duração de quatro ou seis horas se pratique um preço inflacionário, como é do conhecimento geral.

Não sou escritor, nem me considero um perito dentro do ramo da Previdência; no entanto exponho as minhas ideias e até agradeço a quem as critique.

Para pôr termo a estas injustiças só desejo solicitar aos responsáveis pela Previdência em Portugal, que criem melhores condições; mas não copiem os sistemas em funcionamento nos outros países, pois isso colocaria em perigo a nossa Revolução, que um político, há tempos, afirmou deveria ser original.

Por conseguinte, ponham ao dispor deste povo uma Previdência em conformidade com o carácter da nossa Revolução.

(Portimão)

A. Onofre

Utilidade às quatro rodas!



Renault 4

Tome descontraidamente, o seu lugar de condutor: Confortável, não é verdade?

— O desenho dos assentos foi estudado por fisiologistas.

Faça a ligação e arranque:

Que tal? Maleável, com genica, tal como você gosta — Motor de 852 cm, velocidade: 110 Km/h.

Siga para a estrada:

Vá reparando nas qualidades de estradista do Renault 4.

Que nervo! E que segurança?

— Tracção à frente. Travões com repartidor de pressão.

Entre em terrenos difíceis:

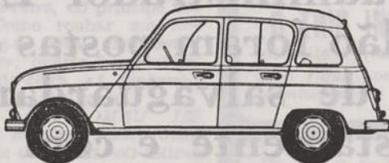
O Renault 4 ri-se dos maus caminhos — Suspensão por barras de torsão, de grande elasticidade e resistência.

Abra a 5ª. porta:

Repare na quantidade de volumes que pode transportar!...

296 dm³ a 1185 dm³, por rebatimento do banco traseiro.

Ao fim de uns milhares de Kilómetros faça contas: Sem lubrificação. Mudança de óleo cada 5.000 Km. Pouco consumo. Uma verdadeira economia.



Livre-se de preocupações com o automóvel.

UTIC-FILIAL

Rua General Teófilo da Trindade

FARO



Precisa-se Técnico de Contas

Para firma de Grupo A. Resposta ao Apartado 4 — ALGOZ.

Trespasa-se

Café-Esplana da Firmino, de Júlio Baptista Mateus— Monte Gordo.

LEITARIA

Trespasa-se em Monte Gordo. Tratar com Júlio Baptista Mateus — telef. 42344 no mesmo local.

Actualidades desportivas

FUTEBOL Campeonatos Nacionais

I DIVISÃO

Comentários de João Leal

E a surpresa lá acontecendo no Restelo, nesse mesmo estádio onde, oito dias antes, Os Belenenses havia derrotado os campeões nacionais. Com um excelente sistema defensivo, o Farense coarctou as investidas dos azuis, colocando as suas peças um tanto no «libero» e contra-atacando com Jacques, Domingos e Mirobaldo. E fê-lo com perigo permanente, possibilitando uma partida emotiva até final, com plena confirmação do bom momento que a turma de Pedro Gomes vive.

Jogou de igual para igual com determinação e estoicismo, de que foi prova a permanência de Benje, lesionado desde o 7.º minuto da partida. Com a igualdade obtida por Jacques a dez minutos do final, acreditava-se que o resultado já não sofreria alterações. Mas no lance imediato e na transformação de um livre directo, o paraguaiño Gonzalez (sem dúvida dos mais válidos estrangeiros a militarem no futebol nacional) tal como no golo inicial, colocou de novo os azuis a vencer.

Amanhã, jogo grande na capital algarvia com a visita do Benfica.

II DIVISÃO

Boa partida no «derby» regional ante um Olhanense jovem, mas aguerrido e dinâmico e um Portimonense mais cerebral e evoluído. A turma barlaventina chamaria a si a hegemonia na meia hora inicial, mas depois os «donos da casa» provocariam a descompressão e entrada em equilíbrio. Futebol objectivado e concretizado até na obtenção dos golos, foi a tônica do 2.º tempo, pelo que se aceita a justiça do resultado.

Por seu lado, o Esperança obteve vitória inteiramente justa, em especial pelo futebol desenvolvido nos 45 minutos iniciais. Chegou a pairar certa desconfiança quando o resultado era de 1-0 e os lacobrigenses foram castigados com uma grande penalidade que Alvaro defendeu, o que foi estímulo para a obtenção do 2.º golo do Esperança.

Refira-se, numa análise global, a excelente posição das três turmas algarvias com o Portimonense a um ponto dos guias (Marítimo e Montijo) e Olhanense e Esperança, apenas a dois pontos. Por sinal os homens de Lagos vão amanhã ao Montijo num encontro em que o co-guia detém o favoritismo. Melhores perspectivas para o Olhanense que se desloca a Évora para defrontar o Lusitano. Por seu tur-

no o Portimonense, ao receber o Sesimbra, é franco favorito.

III DIVISÃO

Apenas o Lusitano saiu vencedor na jornada, derrotando na Vila Pombalina o Casa Pia, por dois tentos sem resposta.

Normal, se bem que expressiva, a derrota do Quarteirense em Santiago de Cacém. Surpresa houve na derrota do Sambrazense, no seu reduto, frente ao Costa da Caparica. Ao invés da II Divisão, não é brilhante a posição classificativa dos clubes algarvios, mais de molde a causar apreensões que se desejam superadas.

Difíceis as deslocações de amanhã do Lusitano e do Sambrazense, respectivamente à Costa da Caparica e à Cova da Piedade. Por seu turno o Quarteirense detém o favoritismo ao receber o Odivelas.

JUNIORES

O São Luís conheceu a sua primeira derrota e perdeu o comando. Com o seu quê de inesperado, os valorosos moços azuis e brancos de Faro foram derrotados por Os Belenenses, por 2-3. Também o Farense foi perder ao Lavradio, ante a C. U. F., por três golos sem resposta. Assinale-se a circunstância de o ataque do Farense ao cabo de três jornadas, em que a turma obteve um único empate, ainda não ter marcado um golo. Será que tal vai acontecer amanhã, frente ao Estrela de Portalegre? O encontro é propício a isso e à conquista de dois preciosos e necessários pontos.

Dia do Clube no Farense-Benfica

Verifica-se natural interesse pelo encontro entre o Farense e os campeões nacionais, a disputar amanhã. A boa carreira que os algarvios têm tido nas últimas jornadas de que é testemunho o jogo frente a Os Belenenses e a posição dos encarnados, são fortes aliciantes. Por outro lado, o facto de ser o último dia oficial da Feira de Santa Iria, fará decerto acorrer muito público a Faro.

A direcção do Farense considera o jogo de Dia do Clube, pelo que os sócios têm de munir-se de um bilhete especial para ingresso no Estádio de São Luís.

Futebol amigável

Pretendendo os desportistas do Concelho de Loulé fazer um torneio de futebol com grupos de diversas freguesias e sítios, começaram os mesmos grupos, inscritos nesse torneio, a realizar jogos amigáveis. Assim em 4 deste mês deslocou-se a Loulé, o grupo de Alte que jogou com o Campinense, empatando por 2-2.

No dia 18, houve novo encontro em Salir entre Campinenses e al-tenses e o grupo de Alte ganhou por 4-0.

Depois jogou o Salirense contra o Atlético de Loulé, vindo a ganhar os de Salir por 3-2 num jogo onde no grupo opositor se incluíram jogadores do Louletano.

O Altense terá que jogar na sua série com o S. C. Operário; Louletano; Psicoletes Club de Loulé; Alfentes; Parragil e Salir.

O Salirense com o Campinense, Loulé, São João da Venda, Esteval, de Almansil, Almansil e Leões.

V. H.

BASQUETEBOLE

CAMPEONATOS DO ALGARVE

São os seguintes os jogos marcados para este fim de semana, em relação aos distritais da Associação de Basquetebol de Faro:

Hoje, às 16,30, Olhanense B-Faro e Benfica (femininos); 21,30 Os Olhanenses-Faro e Benfica (seniores); Farense-Olhanense (seniores); às 22 horas, Imortal-Ginásio (seniores).

Amanhã, às 10 horas, Farense-Portimonense (juniores); Olhanense-Os Olhanenses (juniores); 10,30, Portimonense-Olhanense A (femininos).

Concurso de pesca desportiva em Vila Real de Santo António

No molhe da barra do Guadiana, em Vila Real de Santo António, realizou-se no domingo, um concurso de pesca desportiva, organizado pela comissão de arranque da Secção de Pesca Desportiva do Clube Náutico. Concorreram 68 pescadores e foram premiados os seguintes:

1.º, João Francisco Barão Cabrita, C. N. G. 1920 pontos, taça José Ant.º Ritta — Conservas de Peixe S. A. R. L.; 2.º, João Martins, C. A. P. O., 1740 pontos, troféu Café Zézica; 3.º, Celestino C. Martins, C. A. P. O., 1630 pontos, taça Casa das Modas, de Gavino da P. Mascarenhas; 4.º, Eduardo P. Guela, C. A. P. O., 1475 pontos, taça Salão Europa, cabeleireiro de senhoras; 5.º, Carlos Benjamim Lopes de Carvalho, C. N. G., 1455 pontos, taça Ourivesaria Cruz; 6.º, Laurindo da Silva Soares, C. A. P. O., 1300 pontos, enchalavar Vargas & C.ª, Lda.

Pelo maior peixe capturado, João Martins Gaivota do C. A. P. O. recebeu o troféu Estabelecimentos Nogueira.

Plenário de treinadores de basquetebol

Com a finalidade de encontrar as melhores soluções para os problemas mais instantes que afectam a modalidade, nomeadamente os relacionados com a evolução técnico-táctica, reunem-se em plenário na segunda-feira, às 21,30, na sede do Sport Faro e Benfica, os treinadores de basquetebol do Algarve.

Elaborado por um grupo de treinadores, será apresentado um trabalho que, começando por explanar as deficiências mais evidentes, preconiza um conjunto de soluções que podem, na realidade, a concretizar-se, vir a dar uma lufada de ar fresco no desporto da bola ao cesto, entre nós.

Para participarem nos trabalhos, foram especialmente convidados para se fazerem representar a Delegação dos Desportos, a A. B. de Faro e a Comissão Distrital de Juizes.

Será também abordado um assunto extremamente importante: a constituição da associação de treinadores de basquetebol do Algarve, a qual, segundo o trabalho a apresentar, poderá vir a dar um contributo importantíssimo na conjugação de esforços que o mesmo propõe.

Das conclusões apuradas e dos reflexos que poderão ter como contributo válido em prol da modalidade, contamos apresentar no próximo número um desenvolvido comentário. — H. G.

GASA VENDE-SE

no sítio do Pocinho, a 1,5 Km. da praia, com 6 divisões e luz eléctrica. Tratar com António da Rosa Pereira — Café Conceição — Cacula.

Vende-se

Lote de terreno com 114 m2 no sítio do Matadouro — Rua Projectada, com água e luz a pouca distância, próprio para 2 pisos.

Nesta Redacção se informa.

Câmara Municipal do Concelho de Vila Real de Santo António EDITAL

JOAQUIM BATISTA PEDRO CORREIA, Presidente da Comissão Administrativa da Câmara Municipal do Concelho de Vila Real de Santo António:

Faço saber que, de acordo com a orientação dada pelo Instituto de Apoio ao Retorno de Nacionais (IARN) se realizará no edifício dos Paços do Concelho um plenário de retornados nacionais, residentes neste concelho, no próximo dia 28 do corrente pelas 17 horas, para eleição democrática de uma Comissão Concelhia, que funcionará junto desta Câmara Municipal.

Para constar se passou este e outros de igual teor que vão ser afixados nos lugares públicos do costume.

Paços do Concelho de Vila Real de Santo António, 17 de Outubro de 1975

O Presidente da Comissão Administrativa,

Joaquim Batista Pedro Correia



Casinos do Algarve
programa até 29 de Out.

<p>o cançonetista português RUI DE MASCARENHAS</p> <p>o malabarista cómico EDDIE IDRIS</p> <p>o ballet ZODIAC</p> <p>e o Conjunto do Casino ALVOR</p> <p>AMBRE ET TANAGRA</p> <p>strip-tease</p>	<p>a sensacional LIA UYA</p> <p>o cómico português MAX</p> <p>o ballet THE GAUCHO'S DANCERS</p> <p>e o Conjunto do Casino VILAMOURA</p> <p>KATIA CRISTAL</p> <p>strip-tease</p>	<p>a espectacular STELLA STARR</p> <p>o famoso pick-pocket BOB ARNO</p> <p>o ballet KALEIDOSCOPE 75</p> <p>e o Conjunto do Casino M.º GORDO</p> <p>STORMY SUMMERS</p> <p>strip-tease</p>
---	--	---

ALVOR-TEL. (0-082) 2 31 41
AS 23H30M-SHOWS P/MAIORES DE 13 ANOS. AS 01H30M STRIP-TEASE-INTERDITO A MENORES DE 18 ANOS
Sala de máquinas-acesso a maiores de 21 anos-Sala de jogos-diariamente das 17 h. às 3 h.

VILAMOURA-TEL. (0-089) 6 53 19/86

MONTE GORDO-TEL. (0-081) 4 22 24

CORREIO de LAGOS

MELHOR PRODUÇÃO ATRAVÉS DE LIBERDADE DE EXPLORAÇÃO

Através do que nos tem sido dado ler em jornais independentes e do que constatamos, fácil é concluir que só a liberdade de exploração poderá contribuir para melhor produção.

A imposição provoca revolta, e esta tem-se verificado em todos os sectores, com graves prejuízos para a economia da Nação.

Estabelecidos que foram salários mínimos, o ideal seria facilitar financiamentos, especialmente às pequenas e médias empresas, para livremente actuarem, mantendo os empregados consoante o rendimento das explorações, isto é, pagariam o fixado por lei ou não, conforme a posição da escrita que uma vez controlada pelos trabalhadores não deixaria dúvidas sobre que «quem não tem não pode dar».

O empresário, ou empresários, sujeitar-se-iam aos salários dos empregados mais categorizados, e a idênticas regalias. Se lucros se

verificassem no fim de cada ano, seriam divididos em partes iguais aos trabalhadores, incluindo os empresários, considerando-se uma percentagem para desvalorização do material que constituiria fundo de reserva para aquisições futuras.

Isto, de modo geral; e no sector agrícola, não se afigura de rejeitar as cooperativas familiares, ou as explorações em regime de sociedade, por contratos entre trabalhadores e proprietários, visto estar sobejamente demonstrado que especialmente no Algarve, para a propriedade muito dividida, não resultam certas normas da Reforma Agrária, que, mesmo no Alentejo, tem sido em alguns casos, de resultados negativos, que prometem acentuar-se, visto a actuação ser impulsionada mais por calor político do que por amor ao trabalho.

REUNIÃO COM VISTA A CRIAÇÃO DA ASSEMBLEIA POPULAR DE LAGOS

Em 18 deste mês, por iniciativa da comissão dinamizadora do movimento pró-assembleia popular, decorreu na Casa da Cultura uma reunião das Comissões de Trabalhadores do Concelho de Lagos, com vista a serem conhecidas as diligências efectuadas pela Comissão e seus planos para que se apresse a acção a desenvolver no sentido de se concretizar o poder popular.

A mesa, constituída por elementos da Luar e U. D. P. fez a chamada das comissões convocadas, tendo-se verificado faltas em número avultado, do que resultaram propostas no sentido de crítica às que deixaram de comparecer, e que mereceram aprovação.

Foi anunciada reunião entre a comissão e elementos militares (de carácter privado), do que resultaram propostas no sentido de ser extensiva a Comissões de Moradores e Trabalhadores, a horas acessíveis a presença destas, que, mereceram aprovação, ficando-se porém na dúvida se será aceite pelos militares.

Sobre todos os assuntos expostos surgiram intervenções, algumas aceitáveis e explicativas, outras porém demonstrativas de que parte do povo está longe de atingir a formação necessária para exercer poder que contribua para o bem da comunidade.

Contamos acompanhar a marcha dos acontecimentos e se algo registarmos digno de menção, voltaremos à presença dos nossos leitores.

ASSALTOS NA ÁREA DO BAIRRO DOS PESCADORES

Na madrugada de segunda-feira foi assaltado por três indivíduos munidos de facas, o inquilino do Bairro dos Pescadores sr. José João de Jesus Martins, a quem intimaram a entregar o dinheiro que possuísse. Conseguiu evitar o roubo por ter corrido a abrigar-se na sua residência.

Anteriormente já tinha havido tentativa de assalto na mesma área, o que nos leva a solicitar vigilância intensiva nos arredores do bairro.

Joaquim de Sousa Piscarreta

Andar

Compra-se em Vila Real de Santo António ou Monte Gordo.

Resposta detalhada a este jornal ao n.º 834/75.

JORNAL DO ALGARVE lê-se em todo o Algarve.



A TV que a gente vê

Como é do conhecimento geral, a taxa da televisão continua a ser paga dentro dos períodos estabelecidos e explicados amorosamente pelas gentes locutoras. Todavia e, apesar de todas as catequese, há muitas pessoas que se riem deste pagamento, intitulam de trouxas aqueles que o satisfazem e ainda têm o desprazimento de dizer mal dos programas. Exactamente como certos espectadores que vão ao futebol, vêm o desafio pendurados numa árvore ou em cima de uma acoteia e ainda chamam nomes aos jogadores e atiram pedras ao árbitro. Já é preciso ter coragem!

Assim, há dias numa roda dos chamados borlistas da TV (os tais que não pagam taxa) ouvi um crítico o facto de uma conhecida locutora ter os dedos cheios de anéis.

«Aquilo é uma afronta à classe operária — dizia ele. — Não compreendo como é que esses tipos que arram num microfone e falam entusiasticamente a favor dos trabalhadores, se nos apresentam ornamentados daquela maneira. Julgaram eles, talvez, que um cavador quando agarra numa enxada tem os dedos cheios de anéis?» E dizia outro: «A mim, o que me dana é a mania da intelectualidade. Porque é que o Teleforum não há-de ser Teleforo? Lá porque no norte se troca o v pelo b, não é motivo para se trocar o português pelo latim. Até porque o latim é uma língua morta!»

Em um terceiro: «Então e o que me dizem vocês ao folhetim que eles apresentam à segunda-feira? Que grande barraca! E chamam aquilo «noite de teatro», quando afinal é cinema de trazer por casa. Bem se esforçam os actores por a fita não dar bota. Mas uma pessoa fica logo mal disposta com a apresentação dos técnicos: é o nome do realizador, do fotógrafo, do electricista, do somplasta, do pintor, do escualador, eu sei lá. Só falta o nome da costureira que pregou os botões nas cuecas do Rui de Carvalho!»

Em um último: «Bem, o que me custa de facto mais a ver é a imagem. Não é que eu seja curto de vista, porque tenho aqui uns óculos magníficos; a imagem é que é péssima. Dá a impressão de que as pessoas, em vez de estarem na televisão, estão dentro de um aquário, e que ao abrirem a boca para falar lhes saíam bolinhas de ar cá para fora. Ou com um escafandro!»

Enfim. Como é de prever, mesmo que estes indivíduos não tenham voto na matéria, conseguem provocar, com as suas manigâncias (como certas minorias) o descontentamento da grande massa. E a grande massa é a do Zé Pagode; aquela que honestamente tem a sua licença em dia.

Temos, pois, que convir que neste País continuem a viver uns à conta dos outros. Isto, porque se o Zé Pagode não líquida a taxa e com a carestia que para aí há, deixa de haver televisão em Portugal.

Se analisarmos devidamente o facto, até pode acontecer que muita gente se sinta feliz por ela acabar. Subirá o índice da natalidade; passará a haver menos miopia; e não haverá tanta correspondência dirigida à empresa de electricidade, a protestar contra a baixa de tensão.

Porém, a continuar assim (com uns a pagar a taxa e outros sem a pagar) como poderá acabar a exploração do homem pelo homem?

Reis d'Andrade

RESULTADOS DOS JOGOS CAMPEONATOS NACIONAIS

I DIVISÃO
«Os Belenenses», 2 — Farense, 1

II DIVISÃO
Olhanense, 1 — Portimonense, 1
Esperança, 2 — Leiria, 0

III DIVISÃO
Santiago, 5 — Quarteirense, 1
Lusitano, 2 — Casa Pia, 0
Sambrazense, 0 — Caparica, 1

JUNIORES
(I Divisão)
CUF, 8 — Farense, 0
São Luís, 2 — Belenenses, 3

JOGOS PARA AMANHÃ CAMPEONATOS NACIONAIS

I DIVISÃO
Farense-Benfica

II DIVISÃO
Lusit. de Évora-Olhanense
Portimonense-Sesimbra
Montijo-Esperança

III DIVISÃO
Quarteirense-Odivelas
Caparica-Lusitano
Cova da Piedade-Sambrazense

JUNIORES
(I Divisão)
Farense-Estrela de Portalegre
Peniche-São Luís

EMPREGADO FERECE-SE

Conhecimento geral de escritório, domínio perfeito de Francês, boa capacidade, com carta de condução, fornece referências, procura situação.

Resposta ao jornal ao n.º 820/75.

S. C. I. A.

S. A. R. L.

Francoisco Batista Russo & Irmão
Largo do Mercado, 33 — FARO — Telef. 23608

Venda de carros usados provenientes de trocas

B. M. W.	Outras marcas
1602 — 1972	— Opel utilitário 1900 - Diesel
1602 — 1974	— Datsun - 1607-S55 - 1971
2002 — 1972	— Renault - 4 L 1968
	— Toyota Corola de Luxo 1972

por Dom Carlos

NUNCA tinha assistido a um concurso de pesca desportiva. E, francamente, nunca me interessara tal desporto. Acreditava mesmo nos comentários de amigos: «isso é para gente que não tem mais que fazer... velhos, por exemplo!» No domingo lá fui, assim com pouco entusiasmo. Fui mais porque ali estavam amigos meus e tinha-lhes dito que apareceria.

Afinal, foi mais uma lição para mim. Aprendi algo de novo. Descubri que não foi anedota o que um psiquiatra amigo me contou há muitos anos, em Lourenço Marques, que tinha dito a um doente: «você agora não vai à farmácia; vai mas é à loja do Pedro, ali mesmo próximo da Praça Mouzinho de Albuquerque, e compra uma cana de pesca, um cesto, uma redezinha, anzóis, botas de borracha, um «chapéu à Zélica», e passe uns dias à beira do Limpopo. Vá pescar. Longe da malta que o aborrece. E isso há-de fazer-lhe muito bem, melhor do que qualquer droga que eu ou colega meu lhe pudesse recetar!»

Cana na mão, isca no anzol, assobinha o fio de «nallon» no ar, cai na água, descansa, o anzol. O homem não; ele fica ali, sentado na rocha, à espera. Longe do bulício da civilização, a música da brisa a namorar as águas. É um jogo de paciência, perseverança, uma autêntica educação do espírito e dos nervos. E quem diz que «isso é só para os velhos», claro, mente, ou não sabe o que diz.

16 anos, de Vila Real de Santo António, Gavino Mascarenhas era um dos concorrentes. Desde o minuto em que o moço entrou nos céus azuis, até ao fim do concurso, mesmo com resultados fracos, nunca desistiu. Houve quem, com muita mais idade, tivesse desistido: «não vale a pena, mó... isto está muito fraco!» Outro moço, que também nem pensou em desistir, e teve a sorte de ver crescer o volume do peixe que ia apanhando, acabou por conquistar a taça oferecida pelo Salão Europa, o Eduard Manuel Pedada Guella, de 18 anos, de Orlão. E quem ganhou o 1.º prémio, o João Cabrita, de Vila Real de Santo António, também não é velho nenhum, bolas!

Sim, gostei dessa manhã que passei no molhe da barra de Vila Real de Santo António, a assistir ao concurso de pesca promovido pela comissão de arranque da Secção de Pesca do Clube Náutico do Guadiana. E até seria capaz de pedir que me deixem inscrever no clube, ir à pesca de vez em quando, entrar em concursos. Porque não? Sim... antes que seja velho de mais!

Não sei bem se foi Caruso, parece que sim, cuja voz conseguia atingir notas tão «cortantes» que copos e candelabros de cristal ficavam «cortados», como se uma faca invisível através deles tivesse passado... Sabemos que há ainda tribos de aborígenes na Austrália que se servem dos chamados «feti-ciros», capazes de lançar nos ares «sons» que conseguem atravessar o espaço, a centenas de quilómetros, e atingir o coração de um inimigo... Há, enfim, tanta coisa que parece mentira, mas é verdade!

Há música e há barulho. O barulho, já foi há muitos anos provado através de experiências em laboratórios, é capaz de matar. Destruir. Quando falamos da poluição do ambiente através de fumos venenosos, não esqueçamos a «poluição pelo barulho», isto é, pelo som exagerado e, quantas vezes, desnecessário. Pois um autor de novelas de ficção chegou a incluir numa das aventuras da sua autoria um cientista que teria conquistado o mundo com balas que transportavam «barulho». Isto é, a bala era lançada, explodia ao atingir o alvo, e o som concentrado estorvava... para matar. Ficção? Sabe-se lá!

Tudo isto, a propósito de indivíduos que utilizam os combóios entre Vila Real de Santo António e Faro, digamos, e pensam que o bilhete que compram lhes dá o direito de fazer tudo o que bem (?) entenderem... Ora isso, assim, é que não pode ser. Ainda há dias, um moço, por acaso da Fuseta, «gozou» com o incómodo que causava a outros passageiros, asso-biando, dedos metidos na boca. Ria-se, fartava-se de rir, dando vivas à liberdade, etc.

Trespasa-se

MERCEARIA

Bem localizada. Frente ao novo Mercado de Monte Gordo. Motivo não poder estar à testa. Trata no próprio local — Telefone 42408.

to, dos sonhos de fraternidade. Apressi o passo, para não perder o comboio. E regressi à cidade-dormitório. A grande cidade, dormitório da capital, que, com as suas cento e cinquenta mil almas nocturnas, ainda não passa dum freguesia...

3/10/75

António do Rio



O «surfing», novo desporto de tempos livres, está a difundir-se na República Federal da Alemanha, onde há três anos havia apenas 18 «surfers» e hoje há mais de 10 000 aficionados. É praticado com velas de 3,65 metros sobre deslizadores sintéticos de 65 cms, sendo preciso ter certa soma de habilidade e boas condições físicas para «enfrentar» o vento com as mãos» como se diz no sub-título de um manual de «surfing». Este desporto tem especial aceitação nos lagos da Baviera (na foto, «surfing» no Lago Constança) onde se criaram as primeiras escolas de surfing, que é praticado também no Outono e no Inverno, trocando-se então o calção por traje mais adequado às condições atmosféricas.

BRISAS do GUADIANA

Sessão pública em Vila Real de Santo António para apreciação de problemas relacionados com a reabertura da fronteira

VÁRIAS centenas de pessoas reuniram na tarde de sábado passado na Praça Marquês de Pombal, em Vila Real de Santo António, após ser-lhes distribuído um comunicado redigido nos seguintes termos:

«Considerando que a fronteira de Vila Real de Santo António se encontra encerrada e só poderá ser reaberta quando as autoridades portuguesas derem as garantias formais de que não haverá provocações contra o Governo espanhol. Considerando que o encerramento da fronteira prejudica seriamente os interesses da população portuguesa em geral e muito especialmente da população trabalhadora de Vila Real de Santo António. Considerando finalmente que as autoridades militares e administrativas responsáveis pela zona de Vila Real de Santo António deverão conhecer o sentir da população e obter o seu aval quanto às garantias que possam ser dadas, O M. F. A. e a Comissão Administrativa da Câmara Municipal de Vila Real de Santo António convocam toda a população do concelho para uma reunião que terá lugar no sábado, dia 18, pelas 17 horas na Praça Marquês de Pombal. Chama-se a atenção de todos os cidadãos para a gravidade da questão a tratar e que a mesma só poderá ser decidida favoravelmente se a população a ela acorrer em massa. Aos cidadãos conscientes cabe decidir do seu destino!»

De uma das janelas dos Paços do Concelho, fez uso da palavra o presidente da Comissão Administrativa da Câmara, sr. Joaquim Baptista Correia, que historiou os factos que tinham levado ao encerramento da fronteira, o ponto em que a situação se encontrava, e os prejuízos que de tal encerramento advinham para alguns sectores da população, nomeadamente os empregados da empresa de transportes no rio, mariscadores, exportadores de peixe e outros. Referiu que, para a reabertura, as autoridades espanholas pediam que lhes fossem dadas garantias de que não se verificariam provocações de natureza política aos súbditos espanhóis que aqui se deslocassem. Disse também que a Câmara já tinha essa garantia por parte dos representantes dos vários partidos políticos, mas que era necessário que a população tomasse conhecimento e se consciencializasse da situação, para evitar que possíveis elementos provocadores actuassem de for-

ma contrária àquilo que desejava. O chefe do distrito, dr. Ramires Fernandes, manifestou repúdio pelo acto político que constituiria o fuzilamento dos progressistas bascos, referiu os interesses em jogo quanto à reabertura da fronteira e apontou os perigos da actuação de elementos reaccionários que tudo fariam para evitar essa reabertura, pedindo a colaboração do povo do concelho no sentido de neutralizar quaisquer tentativas que viessem a ser feitas. Disse que em breve se deslocaria a Huelva, para tratar pessoalmente do que se relacionasse com a reabertura da fronteira, fechando o discurso com vivas a Portugal.

A assistência aplaudiu os dois oradores. Assistiram também à reunião os tenentes-coronéis Rebelo de Sousa, comandante militar do Algarve e Almeida Pires, comandante do Regimento de Infantaria de Tavira.

J. M. P.

Centro de Tecnologia Educativa no Algarve

FUI criado em Faro um Centro de Tecnologia Educativa, tendo em vista servir o ensino no Algarve, em especial no sector dos meios audio-visuais. Constituído o respectivo secretariado por quatro professores ligados ao ensino secundário e magistério primário, espera-se entre em funções já no próximo mês.

MAIS UM PRÉMIO GRANDE

vendido a semana finda num bilhete com o Carimbo da

Casa da Sorte

2.º PRÉMIO — 34 761

1 000 CONTOS

CRÓNICA DE LISBOA

NUM destes dias, fui ver Lisboa, de noite. Moro na Amadora. Na cidade-dormitório da Amadora. Mais de cento e cinquenta mil habitantes. Mas ainda freguesia. A maior freguesia de Portugal, cuja sede de concelho é Oeiras. E como quis ver Lisboa à noite e a cidade-dormitório da capital não está a mais de um quarto de hora de caminho, pelo comboio... Enfim, quis variar de ambiente. Pode parecer estranho, para os que conseguem fazer outras extravagâncias. Mas, para um simples trabalhador provinciano, é já como que um luxo. Pequeno luxo, evidentemente. Mas, de qualquer maneira, uma despesa supérflua. Ou talvez não. Pois vim a Lisboa, à noite.

Satisfiz um desejo, como que um apetite da curiosidade. Cheguei à estação do Rossio, passava das dez. Uma hora a que os trabalhadores não estão habituados a sair de casa. Pelo menos, esses que têm de começar cedo, em cada dia, a labuta semanal, por mor das sopas quotidianas. Mas, agora e aqui (festou, como muitos outros, no direito de falar consoante a moda) pertence ao grupo dos que trabalham... à procura de trabalho. Foi por isso que me dei ao luxo de sair de casa a hora tão tardia. A ideia era ver Lisboa, à noite, aproveitando a ida para visitar a Associação Portuguesa dos Escritores. ali para a Rua do Loreto. Tinha vindo num comboio bastante lento por ter de parar em todas as estações. Quero aqui afirmar que viajei com bilhete. Porque sei que nem toda a gente faz o mesmo. Sabotadores dos interesses do Estado? Do Estado de que, afinal, todos fazemos parte? Ou, simplesmente, amigos de economizar uns míseros escudos?

Pois, como já dizendo, desci na estação do Rossio. Pouquíssimo movimento. Na Praça do Rossio, coração de Lisboa, ainda se processavam as conversas largas, restos da grande maresia de cada tarde que ensurdece a grande praça. Vários grupos de indivíduos, brancos e de cor, discutiam sobre o actual momento político e social. No passeio, em frente ao «Pique-nique», era, ainda, como que uma pequena multidão, que enchia o imenso lugar. Ornamentando o pedestal da estátua de D. Pedro IV, numerosos jovens de grande cabeleiras e compridas barbas semelhantes a vultos de bruxaria... A enorme coluna parecia dar a sensação de merer vergar-se sob o peso da estátua.

Subi, com vultres de cansaço, a Rua do Carmo. Grupo de amourosos assomavam-se às luzosas montras. Também mulheres, bem vestidas encostavam o nariz a esses vidros, para que os olhos pudessem melhor satisfazer a avidez da beleza, o gosto da curiosidade. O mesmo se verificava na também inareme Rua Garrett. Uma mulher de meia idade, nobremente vestida, carregada com caixas de cartão, narrou junto a uma porta de casa comercial, bem iluminada, onde se amontoavam sacos de transparente plástico repletos de retalhos de papel e de outros desperdícios. A mulher sacou dum a faca, rasgou um dos sacos e começou a seleccionar o que lhe interessava. Ainda senti vontade de chamar a sua atenção para o derrame dessas coisas, aparentemente inúteis, em pleno passeio. Sustive-me, pensando

que ela tentava, dessa maneira, ganhar a vida. Sempre tive o maior respeito pela gente que trabalha, não pelos outros que agem ao contrário, não produzindo seja o que for, além do vazio e da confusão, em seu redor.

Instintivamente, olhei para um e outro lado, a ver se algum polícia mirava a cena. Mas os homens policiais foi coisa que não cheguei a ver, nesta surtida nocturna à cidade. Aqui e ali, discretamente, entre portas menos expostas, uma e outra mulher, de saco na mão, parecendo esperar algo, ou alguém, o que quer que fosse. À porta da Brasileira, pequenos grupos discutiam, falando em nomes de homens políticos e militares, em destaque neste momento crítico da história da Revolução portuguesa. Alguns operários, brancos e de cor, abriam, à picareta, fundas feridas na dureza da calçada, para canos, ou cabos. Lembrei-me, com mágoa, das milhares de emigrados portugueses que sofrem tão duros trabalhos em terras de França, para poderem ganhar o pão que o diabo amassou. Aqui, também, a vida dos «terrassiers», é das mais duras e difíceis. Mas é preciso ganhar a vida, com o suor do rosto, a vontade de luta, o calor da esperança.

O Chiado, como sempre acocorado, na praça a que deu o nome, dava a impressão de se interessar, também, pelas discussões das gentes. Na Praça de Camões, alguns matulões incentivavam dois rapazes ciclistas à perseguição e à vitória de um sobre o outro.

Como a porta do 13 da Rua do Loreto estivesse fechada, desisti de contactar camaradas dessa Associação. Nem ousei tocar à campanha. Fui dominado por velhos complexos, de que não há maneira de me desvincular de vez. E regressi pelo mesmo caminho. Passavam, subindo a Rua Garrett, duas motorizadas que assombavam a noite com seus estrondosos, horripilantes, ruidos. Um anão falava a um companheiro, que parecia gigante a seu lado, em grandes campanhas de um partido político, maioritário, muito em voga. Ao passar em frente da porta onde os sacos plásticos tinham sido esventrados, montões de retalhos de papel e de fazenda espalhavam-se por largos metros, sujando o enorme passeio, e indo até ao meio da calçada dessa inareme e luminosa rua.

Já no Rossio, outra vez, mantinham-se os grupos dos que pareciam gostar de discutir política até ao infinito. Ao lado da esplanada do Café Gelo, quatro jovens de cor discutiam azedamente, com agressividade na voz. Num áncio, os quatro dividiram-se em dois grupos. E, nestes, um parceiro seguava o outro, tentando, e conseguindo, evitar que dois deles se batessem, como selvagens em campo cidadão. Alguns clientes, comodamente sentados nas cadeiras da esplanada, miravam a cena de agressividade, sem se impressionarem. Olhei em várias direcções, tentando lobrigar a presença de qualquer homem fardado.

— Chame a polícia — disse alguém, para um dos empregados de mesa.

— Pra quê? Deixai-os. Que se lixem. São cabo-verdianos.

As luzes dos coloridos anúncios continuavam pendularmente a mudar de cor, indiferentes à vida e à morte da esperança de entendimen-

Cantinho de S. Brás...

OS CIRCOS E A VIDA

ESCREVO esta crónica metralhada pelo barulho infernal de potente atafalante, que me fere impiedosamente os tímpanos e massacra os nervos. Está na minha frente, no chariz da clientela, anunciando espectáculo com artistas de craveira internacional. Os tempos vão maus para a risota fácil. Não há disposição de espírito para gastar o escasso dinheirinho em diversões. A vida é um grande bico de obra.

Contra o que seria de esperar, S. Brás foi contemplada no espaço de três meses, com a visita de dois famosos circos: Moscovo e Brasil. Ainda não há nada como nadar na furtura. Antigamente, quando arribavam a esta região artistas ambulantes com a mediocridade dos seus cães e macaquinhos amestrados no papel de vedetas, comentava-se que era sinal de dificuldade e miséria, o que aliás se confirmava, infelizmente. Lembro-me de um circo que trabalhou aqui há mais de 40 anos, e apesar da aurore de prestígio, a casa esteve às moscas. E «levantaram ferro» porque surgiram corações generosos, transportando «de graça» a sua volumosa bagagem. Alguns dos seus componentes, de inegável valor artístico, promoveram «rifas» e subscrições, batendo de porta em porta como faziam os pobres de Monte Gordo nas inverniaes, para não morrer de fome. Lembro-me de um simpático artista negro que na emergência empenhou objectos de estimação pessoal, para a comida e tabaco. Coitados, levaram de S. Brás uma dolorosa recordação, medida no estômago vazio. Talvez por isso, quando surgem artistas de renome descendo a esta terra (de antemão sem hipóteses, e na melhor das hipóteses, com meia casa) logo vêm à balla os negregados dias de há quatro décadas. E que nos tempos que correm o povo não tem ânimo de colaborar em festas e espectáculos hilariantes. Vive-se em ansiedade difícil de encobrir, que afecta centenas de famílias, pais, irmãos, parentes, com a tristeza espelhada na alma e no coração.

Nesta região há casos bastante difíceis. Mães com os filhinhos de tenra idade, sem possibilidade ime-

diata de reunir fundos, nem probabilidades de remessas que garantam a subsistência normal. A quem vivia sem problemas materiais e num instante se vê privado de haveres — e com remotas possibilidades de transacção e de câmbio — só uma assombrosa coragem moral não esfrangalha nervos e organismos. Quem pode sorrir num circo, ante estas perspectivas? Por isso, este género de espectáculos se ressentirá da crise, sem a afluência de público que justamente merece. No entanto, há optimistas que vêem o mundo num prisma cor de rosa, convencidos de que na maior trovoadas espalha o tempo. Albergam a esperança de melhores dias, persuadidos de que todas as crises serão vencidas, claro está, se os homens não perderem totalmente a noção de humanismo, elixir maravilhoso tão arredado dos corações na hora presente.

Tais situações exigem, naturalmente, energética reacção, para não se embarcar no cortejo das desilusões, sem lutar contra esse fatalismo. Nada se resolve em ambientes soturnos. Por isso, dediquemo-nos com afinco em campanhas que diminuam a tensão nervosa que se apossa dos homens sem fé, coarctando-lhe as virtualidades, numa renúncia suicida. Parece que mergulhamos no trágico ambiente das profecias do Bandarra e no cortejo sinistro dos seus presságios ditados até ao fim de século. O seu anúncio de que as estradas se cobriam de luto é interpretado à laia de almas do outro mundo.

Afinal, o «luto» das estradas (o asfalto) foi uma invenção extraordinária, que possibilita o tráfego rodoviário em condições de higiene e segurança, evitando poeiras e outros inconvenientes. Mas o fatalismo mórbido dá-lhe dimensão de bruxaria.

Nos momentos derradeiros, o povo que ama a liberdade e a independência, e se opôs com unhas e dentes à escravatura, saberá contornar os maus bocados que os bons caminhos costumam ter. Para essa operação, que está vinculada na sua personalidade, basta pôr em marcha a sua eterna virtude: o civismo.

F. Clara Neves

Saneamento em Odiáxere

NO Gabinete do Planeamento da Região do Algarve procedeu-se à abertura das propostas para adjudicação da obra de distribuição de água e saneamento de Odiáxere. Foram apresentadas doze propostas, que seguiram para apreciação dos Serviços Técnicos, e cujos valores oscilam entre 8 050 230\$20 e 11 660 300\$00.

NÃO ESQUEÇA O PASSAPORTE EM CASA.

MAS VERIFIQUE PRIMEIRO SE SE ENCONTRA EM DIA E LEMBRE-SE QUE A STAR PODERÁ OBTÊ-LHO POUPIANDO-LHE UM TEMPO PRECIOSO.

PAGUE SUAVEMENTE COM O CREDI-STAR

STAR

A MAIOR AGÊNCIA DE VIAGENS PORTUGUESA
Lisboa - Estoril - Porto - Funchal - Luanda
R. CONSELHEIRO BIVAR, 36
TELEF. 23986 - FARO

O Jornal do Algarve vende-se em Faro, na Tabacaria Farracha, Rua D. Francisco Gomes, 42.

DOCES REGIONAIS DO ALGARVE:

O melhor sortido encontram V. Ex.ª na CASA AMÉLIA TAQUELIM GONÇALVES (CASA DOS DOCES REGIONAIS), Rua da Porta de Portugal, 27 — Telefone 6 28 82 — Lagos — Remessas para todo o País